revista de POLVOREIRA

GUIMARÃES

passado

presente

futuro

NOVO!

ponto ctt

ABERTURA ponto CTT POLVOREIRA

ABERTURA
02 DEZ

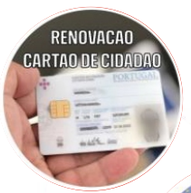
Correio Normal
Correio Azul
Correio Internacional
Pré-Pagos Correio Verde
Correio Registado
Encomendas Expresso Nacional/Internacional
Envio / Pagamento de Vales
Alterar Entrega (siga)
Entrega de Avisados
- Correio / Encomendas / Encomendas Expresso

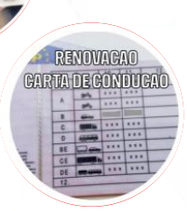
Ponto de entrega Expresso
Venda de Selos
Embalagens Postais
Saquetas Almofadadas
Pagamentos de Serviços
- Faturas / Impostos / Coimas / Portagens (Pós Pago) Carregamentos Telemóveis

Caixas de Correio Individuais
Cartões para Telemóveis
Cartões Desmaterializados
Cartões TollCard
PaySafeCard
Bilhetes para Espetáculos

Rua do Formigoso 103 - Polvoreira - 4835-168 Guimarães | 253 523 896 - geral@jf-polvoreira.pt

UM ESPAÇO INÚMEROS SERVIÇOS





SERVIÇOS DISPONÍVEIS

ADSE
Pedido/Renovação de Cartão Europeu de Seguro de Doença
Alteração de NIB/Nome/Morada de Beneficiário
Pedido de 2ª via do Cartão de Beneficiário
Entrega de Documentos de Despesa para Comparticipação

AMA IP
Chave Móvel Digital
Alteração de morada no cartão de cidadão
Renovação do cartão de cidadão para cidadãos > 25 anos
Pedido de Certidões Online de Registo civil e Predial

DGAJ - Direção-Geral da Administração da Justiça
Emissão de Registo Criminal

IMT - Instituto de Mobilidade e Transportes
Carta de Condução: Revalidação / 2ª Via Grupo 1 e 2

ISS - Segurança Social
Pedido de Cartão Europeu de Seguro de Doença
Pedido de Renovação do Cartão Europeu de Seguro de Doença

Autoridade Tributária e Aduaneira
Declaração de IRS
Modelo 44
Efatura
Pagamento de IUC

Entre outros
Consulte o site www.jf-polvoreira.pt

EMISSÃO REGISTO CRIMINAL
CERTIFICADO DO REGISTO CRIMINAL

adse
Instituto Público de Gestão Participada

Rua do Formigoso 103 - Polvoreira - 4835-168 Guimarães | 253 523 896 - geral@jf-polvoreira.pt

REVISTA MENSAL DA JUNTA DE FREGUESIA DE POLVOREIRA

NOVEMBRO 2020
Número: 35

freguesia de Polvoreira

PROMESSAS A CUMPRIR

Há cerca de um mês, o Expresso noticiava a grandes parangonas:
«Pandemia tornou os serviços públicos menos eficazes»
O autor da notícia certamente não visitara a Freguesia de Polvoreira e a sua Junta.
Embora cumprindo religiosamente as determinações do governo, esta Junta preocupou-se em organizar os seus serviços de forma a estarem cada vez mais disponíveis para servir os seus cidadãos, não só não interrompendo os trabalhos necessários a garantir o bem estar das nossas crianças - ver caixa ao lado – ou os de pavimentação das ruas da freguesia, como disponibilizando novos serviços que permitem, de modo significativo, encurtar o espaço que os separa do seu potencial utilizador.
Como abaixo damos conta a partir de 2 de Dezembro, Polvoreira recebe um novo serviço - "**O ponto CTT de Polvoreira**" - onde, a partir dessa data, os Polvoreirenses terão ao seu dispor inúmeros serviços .

No âmbito da aplicação do estado de emergência decretada pelo Presidente da República, iniciaram-se os trabalhos de APLICAÇÃO DE RELVADO SINTÉTICO no recinto desportivo da nossa Escola.
O melhor para as nossas crianças.

freguesia de Polvoreira

ÍNDICE

Nº 35 NOVEMBRO 2020

04 e 05

Padre Isaac

Macao
Uma civilização diferente.
Para melhor.

06 e 07

Associativismo

As IPSS e a Covid-19
Associações em plena actividade
Agrupamento 200

08

dos porquês...

O Cancro
em tempo de Pandemia

09

da saúde...

CliHotel de Guimarães cria
Posto de Colheita Covid-19
em Polvoreira

10 e 11

Escola de Polvoreira

A Escola em tempo de Pandemia
e
Crónica de Sara Freitas.

12 e 13

Da nossa janela...
Cidadania

Bento Assunção Freitas e Silva
Sebastião de Sousa e Silva

14

Os nossos colaboradores
Nuno A.P.O.E. de Abreu

Pedro Sancho e as comemorações dos
800 Anos do Martírio de Marrocos

Carlos Alberto Oliveira
Presidente da Junta de Freguesia de Polvoreira

EDITORIAL

1. Como damos conta na página ao lado, o Executivo desta Junta estabeleceu um acordo com os CTT para abrir um Posto na sua sede.
As origens da empresa que hoje conhecemos como CTT - Correios de Portugal, SA, - remontam a 1520, com a criação do primeiro serviço de correio público no país pelo rei D. Manuel I. Dotado de autonomia administrativa e financeira desde 1911, os CTT foram transformados em sociedade anónima, em 1992. Hoje, para além das actividades específicas de correio - incluindo o Serviço Postal Universal - de expresso e encomendas, constituem ainda um banco que presta serviços financeiros.
Tentamos com este acordo possibilitar a todos os nossos concidadãos polvoreirenses o acesso a serviços imprescindíveis a muitos deles, mas prestados com proximidade e familiaridade. Isto, claro, sem prejuízo da qualidade de todos os outros serviços que vêm sendo disponibilizados pelo nosso balcão.
2. Vem a *"Revista de Polvoreira"*, nos últimos meses, dando conta, da situação desoladora a que chegou um paroquiano da nossa freguesia, depois de ter sido dispensado do serviço religioso que, desde há sessenta anos, vinha prestando na paróquia e que, várias vezes, chegou a bater à minha porta solicitando-me apoio financeiro para as obras da Igreja e a quem nunca deixei, como se diz popularmente, "de mãos a abanar".
Através de uma troca de *emails* com Dom Jorge Ortiga, dei-lhe conhecimento da desumanidade do gesto. Informou-me Dom Jorge que iria averiguar, junto de familiares daquele paroquiano, o que verdadeiramente se passara. Até hoje não me foi dada qualquer informação e, tanto quanto sei, também até hoje, nenhum familiar foi contactado.
Sempre os Executivos a que presidi nesta Junta pugnaram pelo reconhecimento público de todos aqueles que trabalham dedicadamente em prol da nossa sociedade. O executivo actual criou mesmo um dia da freguesia onde promove esse reconhecimento. Porque, como afirmou o Papa Francisco da janela da sua residência pontifícia no Vaticano, em 28 de Junho, deste ano:
"A gratidão, o reconhecimento, é antes de tudo um sinal de boa educação, mas também é um distintivo do cristão"
3. Uma última nota. Em tempo de pandemia, em tempo de escassez de trabalhadores da saúde, como diariamente nos é anunciado pelos meios de comunicação social e o próprio governo refere, será sensato despedir trabalhadores do nosso Centro Social sem justa causa e, consequentemente, pagar chorudas indemnizações quando os meios financeiros de que as IPSS dispõem se estão a esgotar rapidamente a ponto de necessitarmos de uma "*bazuca*" monetária financeira europeia?
Deixo aqui a pergunta a quem de direito.

DIRECÇÃO Nuno M. P. de Abreu - @: nunodoraso@gmail.com
REDACÇÃO: A do Ribeiro do Pinto, António Gomes, Nuno A Pereira, C. Mota Reis, Maria A. de Portugal, Maria C. Gomes, P. Torres, Maria Carolina L. da Silva

DIRECÇÃO ARTÍSTICA Carlos M. P. de Abreu - @: c.miguel.abreu@gmail.com
IMPRESSÃO E ACABAMENTO - costagueiro,lda - Penselo, Guimarães
EMAIL: revistapolvoreira@gmail.com

PROPRIEDADE E EDIÇÃO: Junta de Freguesia de Polvoreira, com sede na Rua do Formigoso, n.º 103, 4835 - 168, Telefones: 253 523 896; 253 557 128. Publicação periódica isenta de registo na ERC, ao abrigo da alínea b) do n.º 1 do artigo 12.º do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de Junho, com as alterações introduzidas pelo Decreto Regulamentar n.º 2/2009, de 27 de Janeiro.

O Padre Isaac parte VIII

Um Seminário diferente. Uma civilização diferente. Para melhor.

Disse-nos o Padre Isaac que a vida no Seminário de Macau tinha muitas semelhanças com a vida vivida nos dois seminários que em Portugal frequentou.

Tinham os horários previamente estabelecidos para levantar, deitar, para a tomada de refeições, para o tempo de estudo e, mesmo, para o tempo das orações. Mas, por outro lado, era diferente em muitos outros aspectos.

Desde logo porque, contrariamente ao que acontecia em Portugal, sempre que desejassem e, naturalmente, o tempo o permitisse, os alunos de filosofia e teologia podiam estudar fora das salas de estudo, no exterior, nos recreios. Enquanto em Portugal, durante o tempo de estudo não se podia falar com ninguém, ali, nos recreios, onde livremente, estudava, cruzava-se com professores que aproveitavam o espaço para desentorpecerem as pernas e passavam por ele sem qualquer constrangimento.

Uma outra prática de que se recorda e que lhe transmitia uma sensação de liberdade, era a obrigação que ali não tinha de usar a batina durante os recreios. Em Macau usava equipamento adequado e, inclusive, o calçado era o apropriado para a prática do desporto.

Mas aquilo que o Padre Isaac tem muito presente e que o marcou para a vida, porque, ainda hoje, a sua praxis higiénica resulta daí, foi o banho diário.

Em Braga ou em Bragança, o banho acontecia uma vez por semana, numa cabine utilizada por diversos alunos, ao mesmo tempo, que se revezavam na utilização da água, nem sempre suficientemente aquecida, e sempre vigiados, de perto, por um prefeito que lhes coartava o à vontade.

Em Macau, com um clima mais quente, tomava banho em cabine individual, diariamente, depois de praticado algum exercício físico. A sensação de agrado foi tão marcante que, ainda hoje, só se sente verdadeiramente confortável no seu dia a dia, depois do banho diário.

Também no que se refere à ocupação dos tempos de lazer, as actividades que teve no seminário de Macau não só lhe deixam gratas recordações como lhe marcaram a vida que vem vivendo nos hábitos, gostos, ou pequenos prazeres.

Para além da prática de futebol, transversal em todos os seminários por onde passou, foi em Macau que se interessou pelo basquetebol que antes praticamente desconhecia. De tal forma, que, mais tarde, em Timor, chegou a formar uma equipa de basquetebol que disputava competitivas partidas com equipas rivais de outra escolas de Dili que atraiam numerosa assistência entusiasmada com o nível técnico atingido.

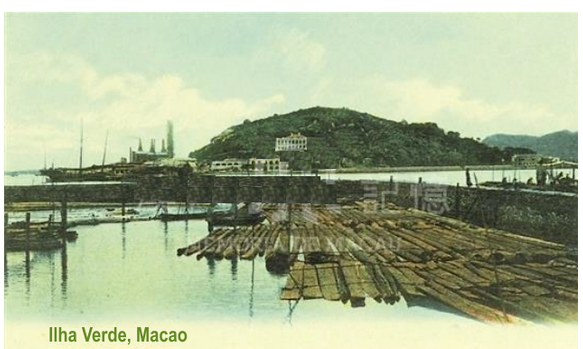
Mas fora do exercício de desportos ao ar livre, havia ainda a prática do ping-pong, desporto em que os chineses com quem convivia eram mestres. A sua prática tornou-se tão recorrente para o padre Isaac que, certa ocasião, atingiu, o estatuto de vedeta derrotada.

Conta o Padre Isaac: - Durante a viagem de regresso a Portugal, o capitão do navio onde regressei resolveu, para ajudar a distrair os passageiros, organizar um torneio de ping-pong entre eles. Inscrevi-me, apenas, com o intuito de me distrair. O certo é que fui eliminando, um a um, os diversos concorrente, até ao ponto de ter chegado à final. Num jogo muito renhido, com apoiantes dum lado e doutro, perdi a final mas fiz suar o campeão.

Mas não se limitavam a estes jogos de actividade física e técnica as possibilidade de distracção. Nas férias de Natal e da Páscoa ou no dia de S. José, padroeiro do Seminário, os responsáveis alugavam bicicletas onde muitos seminaristas nelas aprendiam a andar.

Com efeito, muitos haviam saído de Portugal muito novos, sem terem tido essa possibilidade. As quedas aparatosas sucediam-se. Felizmente tal não aconteceu ao Padre Isaac pois não só não fora para Macau assim tão jovem como teve oportunidade de aprender a andar de bicicleta ainda em Portugal. Aconteceu, até, que essa experiência lhe permitiu ajudar alunos mais novos a, pela primeira vez, montarem uma bicicleta.

Por falar em férias. Segundo o Padre Isaac, talvez nenhuma das recordações da sua vivência no seminário de Macau seja tão marcante como o tempo vivido ali nas férias de Verão, na Ilha Verde que era propriedade do Seminário como na caixa ao lado se dá conta.



Ilha Verde, Macao

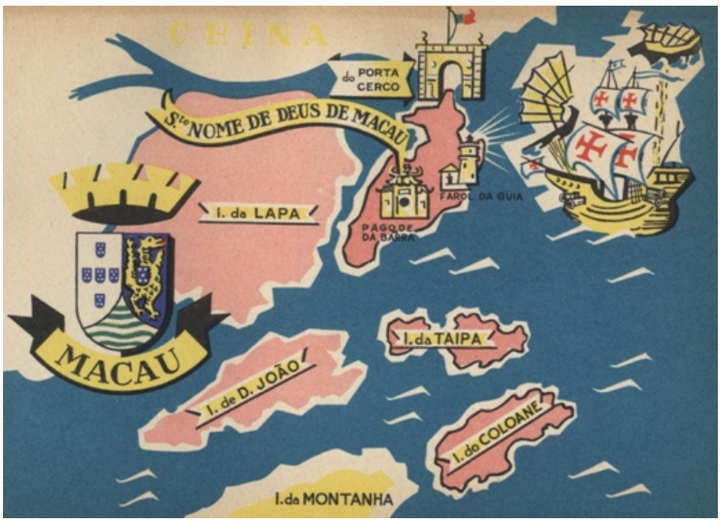
Em 15 de Março de 1820, a Ilha Verde ,com árvores frutíferas e casas nela construídas, foi comprada por 2000 patacas espanholas pelo Pe. Nicolau Rodrigues Pereira de Borja, Superior do Seminário de S. José, para a Ordem dos Jesuítas, restaurada em 1814.
A escritura, lavrada nas notas do tabelião de Macau, José Gabriel Mendes, sobre a posse da Ilha Verde pelo Seminário de S. José, que fez parte do Padroado Português no Oriente, foi feita a 15 de Março de 1828, apesar dos Jesuítas, muito antes, já aí se terem estabelecido.

rubrica

personalidades

O Padre Isaac

parte VIII
contin.



As férias. O desporto. A música

Quando começavam as férias grandes - que o Padre Isaac classifica de maravilhosas - os primeiros tempos eram passados na Ilha Verde que, como anteriormente se referiu, pertencia ao Seminário de S. José, onde o seminarista Isaac cursava Teologia. A história é muito antiga e sempre controversa mas certo é que, desde 1818, pertence aos jesuítas que ai construíram uma capela, uma casa com uma sala para receber hóspedes e quartos para professores. O Padre Isaac acabou beneficiando desse facto.

A Ilha Verde fica mesmo às portas da China comunista e aí estava estacionado um contingente militar que, de tão próximos, permitiam ao Padre Isaac ouvir os toques de cornetim dos militares em parada e as respectivas vozes de comando.

Mas, ao tempo, a maioria do período de férias era passado pelo Padre Isaac na Ilha de Coloane, onde o seminário possuía uma casa de férias mesmo sobranceira ao mar, e que não distava da costa de Macau mais que vinte a trinta minutos de barco. Trata-se de uma ilha onde antes da ocupação portuguesa, em 1864, os chineses tinham salinas de onde extraiam o sal. Mais tarde, foi ocupada por piratas chineses que só dali foram expulsos aquando da implantação da República, em 1910.

Era uma ilha pobre e pouco habitada, mas onde o Padre Isaac passou, talvez, as melhores férias da sua vida e local que lhe permitiu adquirir muitos dos conhecimentos básicos que lhe serviram para melhor exercer o seu múnus. Saíam para a praia pela manhã e pela tarde, depois do almoço, já em calções de banho, preparados para apanhar sol, tomar banho e nadar. Foi ali que o Padre Isaac aprendeu a nadar devidamente acompanhado por um companheiro que o ensinou a dar as primeiras braçadas. Mas logo, logo, o Padre Isaac, corajoso, lançou-se mar adentro. A ousadia ia-lhe saindo cara. Viu-se mesmo bastante atrapalhado. Olhou para terra e viu um companheiro pronto para se lançar à água. Não querendo fazer figura de coitadinho, fez das fraquezas forças e chegou são e salvo a terra.

Na maré baixa, aquela praia, como quase todas, era bastante perigosa. Dias antes do acontecido ao Padre Isaac, havia mesmo morrido um seminarista timorense de Filosofia que, sentindo-se aflito, levantara os braços em desespero. Quem o viu pensou que estaria a brincar e não o socorreu. Deu à costa, dias depois, naturalmente, sem vida.

Mas o tempo na ilha de Coloane não era somente passado em banhos de sol ou banhos de mar. O Prefeito que tomava conta dos seminaristas organizava diversos certames culturais, onde se realizavam recitações poéticas, discussões literárias ou outros eventos similares. Conta o Padre Isaac que havia um seminarista chinês que era um músico de grande qualidade. Cantava a solo na Sé. Quando lá ia o grupo coral, acompanhava-o, tocando violino com grande perfeição. Segundo relata, quem tinha a sorte de o ouvir ficava extasiado. Ainda hoje se sente comovido ao recordar os sons por ele produzidos quando executava a Ave-Maria de Schuber ou de Gournout.

De vez em quando, eram visitados por alguns dos professores do Seminário que aproveitavam aquele magnífico espaço para passar lá alguns dias de férias. Era um convívio saudável, sem comportamentos reverenciais como nos Seminários de Portugal acontecia. Ali, pelo contrário, era uma convivência natural, simples. O Padre Isaac ainda hoje recorda, com muito carinho, aqueles convívios e lembra mesmo um professor do externato, natural de Macau, que dedilhava admiravelmente as cordas de um guitarra ao mesmo temo que acompanhava canções espanholas.

Foi, também, durante esses períodos de férias, que o Padre Isaac se apaixonou pela música clássica ouvindo sistemicamente uma dezena de discos que aí haviam disponíveis. Por força do sentimento que interiorizou ao ouvir aqueles acordes musicais, ainda hoje guarda religiosamente os quatro atos da ópera de Verdi o Nabucco que historia Nabucodonosor II da Babilónia. Foi aí, que decorou e ainda recorda compassos completos do Belo Danúbio Azul de Johann Strauss.

Um aparte. Confessou-me o Padre Isaac: comparar a música daqueles clássicos com a chamada música moderna, cheia de ruídos e trejeitos, é comparar gigantes a pigmeus.

Bem, mas regressemos ao período de aulas. Acabaram, por agora as férias na ilha de Coloane.

O jovem Isaac acabara o 2º ano de Teologia. É tempo de começar a desempenhar funções educativas no externato do Seminário que frequenta. O reitor chama-o e convida-o a exercer as funções de monitor dos alunos do ciclo preparatório.

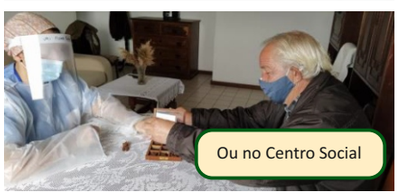
Começa aqui uma nova etapa da vida do Padre Isaac de que daremos conta no próximo mês.

António Gomes

rubrica

Associativismo

Viver em tempos de Pandemia no ATL



Ou no Centro Social

As IPSS
e a Pandemia

"Considerar o Sector Social e Solidário, de facto, enquanto parceiro estratégico e ativo do Estado como está legalmente previsto para as áreas da Cooperação. De nada serve valorizar o sector social se, depois, o Estado não assume as suas responsabilidades para proteger as pessoas"

"As IPSS podem assumir também um papel de relevo no sistema de saúde, na prestação de serviços à população nos termos da Lei da Bases de Saúde no pressuposto de que a Saúde não é um negócio, mas um serviço à comunidade. Assim, à semelhança do que existe para as matérias da Cooperação com a Segurança Social, a criação imediata de uma Comissão Nacional de Cooperação para a área da Saúde (CNCS), num compromisso mútuo de reconhecimento das dificuldades e potencialidades do setor e do trabalho conjunto deverá ser promovido para responder aos desafios que enfrentam"

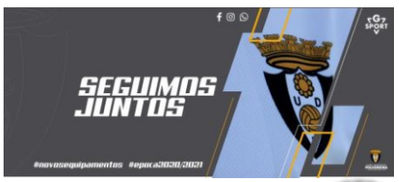
Padre Lino Maia

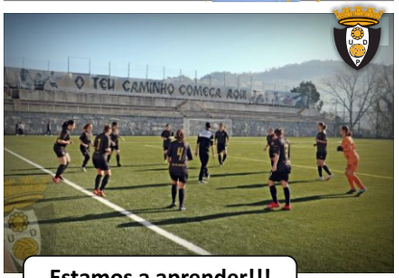
Pequeno extracto da Mensagem de D. Jorge aos Escuteiros, a 8 de Novembro.

"Hoje, num momento tão complexo para a história da humanidade, somos colocados perante grandes desafios. Podemos cruzar os braços e esperar que os outros resolvam os problemas. Sabemos, porém, como diz o Papa, que estamos todos no mesmo barco. Teremos, por isso, de dar o nosso contributo positivo para eliminação da pandemia. Teremos de o fazer individualmente, mas também como Igreja que somos. Somos cidadãos crentes e a fé terá de nos comprometer com compromissos muito concretos."

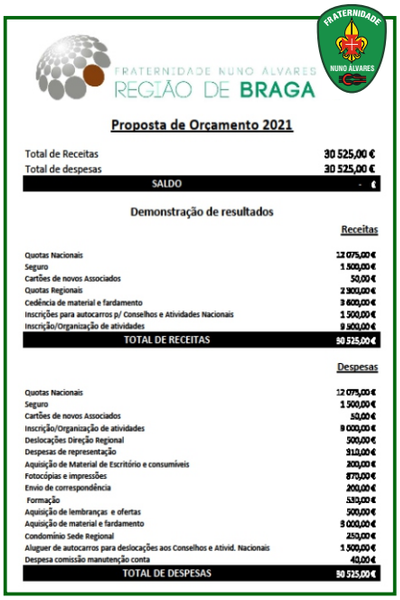
Uma fotografia que retrata a vitalidade do movimento escutista em Polvoreira, desde há décadas! Envia para a sede da FNA a identificação de quem reconheces.

Email: fnapolvoreira @gmail.com





Estamos a aprender!!!



FRATERNIDADE NUNO ALVARES
REGIÃO DE BRAGA

Proposta de Orçamento 2021

Total de Receitas	30 525,00 €
Total de despesas	30 525,00 €
SALDO	- €

Demonstração de resultados

Receitas	
Quotas Nacionais	12 075,00 €
Seguro	1 500,00 €
Cartões de novos Associados	50,00 €
Quotas Regionais	2 300,00 €
Cedência de material e fardamento	3 600,00 €
Inscrições para autocarros p/ Conselhos e Atividades Nacionais	1 500,00 €
Inscrição/Organização de atividades	9 300,00 €
TOTAL DE RECEITAS	30 525,00 €

Despesas	
Quotas Nacionais	12 075,00 €
Seguro	1 500,00 €
Cartões de novos Associados	50,00 €
Inscrição/Organização de atividades	9 000,00 €
Deslocações Direção Regional	500,00 €
Despesas de representação	310,00 €
Aquisição de Material de Escritório e consumíveis	200,00 €
Fotocópias e impressões	870,00 €
Envio de correspondência	200,00 €
Formação	530,00 €
Aquisição de lembranças e ofertas	500,00 €
Aquisição de material e fardamento	3 000,00 €
Condomínio Sede Regional	250,00 €
Aluguer de autocarros para deslocações aos Conselhos e Ativid. Nacionais	1 500,00 €
Despesa comissão manutenção conta	40,00 €
TOTAL DE DESPESAS	30 525,00 €

rubrica

associativismo

Como demos conta no mês passado, no dia 4 de Outubro, tomou posse a nova direcção do Agrupamento 200 Polvoreira para o próximo triénio. Eis o discurso de tomada de posse do Chefe Victor Silva

Caríssimos irmãos Escutas, Pais e Comunidade

Os três últimos anos de Escutismo em Polvoreira, foram vividos de forma intensa por todos, por todos os Lobitos, Exploradores, Pioneiros, caminheiros e Dirigentes, vivendo as suas Caçadas, Aventuras, Empreendimentos como as caminhadas, e assim procurando uns com os outros viver o Ideal Escutista, tal como Baden Powell sonhou vivendo em Fraterni-dade, pois tal como a extraordinária frase do nosso Fundador nos impele... procurando viver em felicidade estamos sempre mais perto de ***"Deixarmos um pouco melhor o mundo como o encontrarmos".***

No início da minha caminhada como Líder do Agrupamento em 2017, disse que vinha com a minha direção para fazermos diferente, simplesmente rompendo com a mono-tonia, incentivando todos a deixar uma marca forte no seu percurso no Agrupamento. Nas ações do Agrupamento procurarmos inovar, dando naturalmente o nosso cunho, criando novas atividades no Agrupamento; na vertente espiritual começamos a comemorar o dia do nosso Patrono S. Nuno de Santa Maria, criámos o nosso Andor à imagem escutista, adquiri-mos uma imagem única de S. Nuno (D. NUNO ÁLVARES PEREIRA), criámos o jantar de fados, espaço de partilha, convívio e de angariação de fundos para o movimento, após tantos anos adquirimos uma carrinha par o Agrupamento, carrinha esta doada pela nossa Junta de Freguesia, criámos o ENCONTRA-TE, atividade esta para Dirigentes, espaço de partilha de conhecimentos e convívio, também criamos na nossa sede a sala comum, local de convívio, reunião e de trabalhos diferenciados, por fim construímos a Sala Nobre do Agrupamento, denominada sala nobre ***CHEFE ADÉRITO***.

Neste Triénio último tínhamos programado em final de caminhada vivermos em Agrupamento novamente a dimensão internacional do Escutismo, atividade esta que seria em Inglaterra, infelizmente a pandemia do covide 19 que nos invadiu, nos impediu de expe-rienciar este momento que seria único em todos os escutas do nosso movimento.

Ao longo deste triénio último alcançamos a maioria dos objetivos a que nos propu-semos, gostaríamos de ter atingido a tudo aquilo que nos desafiamos, não foi possível? Não por nossa vontade, mas os nossos sonhos são para ser percorridos, e acreditar que com alegria e entusiasmo poderemos alcançar.

Para este novo Triénio 2020/2023, vamos desafiar-nos todos a " Sonhar novamente Mais Longe " queremos, após esta pandemia passar, viver de forma concreta um Escutismo realmente próximo da Natureza, e que os nossos Lobitos, Exploradores, Pioneiros e cami-nheiros encontrem o sentido de Deus, na natureza por Deus criada, que a tenda seja o porto de abrigo para o descanso, convívio e oração, que na vivência em bando ou Patrulha encon-trem o verdadeiro espírito escutista, desejo também que cada escuta encontre no Homem Novo.... Jesus.... o seu verdadeiro amigo, sim, tu, cada um de nós somos chamados a ser Pedra Angular na construção de um mundo novo, a audácia de ir mais além, desafia-nos a olhar o futuro com todos, todos os escutas, Pais, Amigos, Igreja, Movimentos, Associações, Autarquia e todos quantos se mostrem disponíveis para estender a sua mão amiga em Prol do nosso Movimento.

O Agrupamento 200 de Polvoreira terá para este novo triénio três objetivos estru-turantes, nomeadamente a construção da futura Sede do Agrupamento, criar um campo escutista para as atividades do Movimento, como comemorar dignamente os seus 80 anos de vida nesta Comunidade de S. Pedro de Polvoreira.

A tarefa parece-nos impossível....mas tal como B.P. nos diz, se retirares o ***ÍM***, tudo se torna possível.

Sonhar, Acreditar, Viver e Escuteirar.....faz-nos sentir que somos capazes de alcançar os nossos ***SONHOS".***

60 anos do Acampamento do Estoril onde a Patrulha Leão e Pórtico do Agrupamento, foram premiados.

O **XI** contou com a presença de quase um milhar de escuteiros portugueses, lusófonos e estrangeiros.

Os caminheiros começaram a chegar ao campo 15 dias antes de começar o acampamento a fim de o preparar para a abertura da grande festa escutista, no dia 7. Neste dia, todos os escutas participantes assistiam à cerimónia e escutavam as entusiasmadas palavras de D. José de Lencastre.

Nesse resto de dia e o dia seguinte, o tempo foi usado no delicado trabalho de montagens das construções. Dia 9, 300 escuteiros visitaram o Acampamento Internacional da Juventude e assistiram à inauguração do Monumento Infante D. Henrique, evento referente a este acampamento internacional.

No dia 11, enquanto jornalistas visitavam o local de campo, os escuteiros realizavam uma excursão à serra de Arrábida e Setúbal, após visita à cidade de Lisboa.

No dia 13 o Ministro da Presidência, Dr. Theotónio Pereira visitou o Acampamento, ficando fascinado com os trabalhos realizados e pelo aprumo demonstrado pelos escuteiros participantes e em seguida, pelas 17h, esta individualidade assistiu maravilhado a uma das mais impressionantes Festas de Campo que alguma vez o C.N.E. realizou.

Polvoreira estava presente.

rubrica

dos porquês

O Cancro em tempo de Pandemia

Segundo a Organização Mundial da Saúde, em 2018, registaram-se, em todo o mundo, 18 milhões de novos casos de cancro, sendo 23,4% na Europa. Morreram 10 milhões de pessoas no planeta, vítimas desta patologia. Em 2030, se medidas efectivas não forem tomadas, haverá 26 milhões de novos casos e 17 milhões de mortes por ano.

Em Portugal, é a segunda causa de morte e a sua incidência aumenta, em média, cerca de 3% por ano.

O cancro pode acontecer na vida de qualquer pessoa. Qualquer um está sujeito a desenvolver a doença, seja por causas geneticamente pré-determinadas, por causas ambientais ou, ainda, por costumes e hábitos, como fumar ou expor-se ao sol sem proteção.

Os cancros mais comuns são o do pulmão e da mama, seguidos de perto pelo do cólon e o da próstata. Mas esta doença pode atingir qualquer órgão, sendo que alguns, como o de fígado, pâncreas e ovário, são quase sempre mortais. Nestes casos, a expectativa de vida raramente ultrapassa os 5 anos, sendo que alguns - o do pâncreas, por exemplo - não costumam deixar o paciente viver muito mais do que 6 meses. Uma das razões é que este tipo de cancro raramente dá sinais e, regra geral, só é detectado em estágios avançados da doença, quando combatê-la é muito difícil e as curas são tidas como autênticos milagres.

Mas a ciência tem evoluído e, segundo um estudo publicado na revista ***Lancet***, a taxa de sobrevivência ao cancro está a aumentar no mundo, mesmo nos tipos de cancros mais mortíferos sendo que a probabilidade de cura é cada vez maior.

Os estudos indicam que 30% a 50% dos casos podem ser evitados através de hábitos saudáveis. E o aumento de pessoas que se dedicam a cultivar bons hábitos é notório.

No tempo dos nossos avós, não se falava do assunto, o tabaco era para adultos e ninguém reparava que as crianças fumavam passivamente, e a prática de exercício era mesmo só para quem gostava de desporto. Hoje, os ginásios estão cheios e os cigarros são proibidos na maior parte dos espaços públicos.

No tratamento da doença a quimioterapia é a tecnologia mais usada utilizando medicamentos extremamente potentes no combate que destrói ou inibe o crescimento das células doentes. No entanto também danifica as células saudáveis. Ou seja, a quimioterapia interfere com outras funções fisiológicas fundamentais dos pacientes, causando efeitos colaterais no seu caminho.

Todavia, desde que o Projecto Genoma Humano sequênciou e mapeou o nosso genoma constatou-se um grande salto no processo de tratamento do cancro através da «**medicina de precisão"** que leva em conta para além das diferenças individuais nos genes de cada paciente, as diferenças ambientais e de estilos de vida.

Antes, os tratamentos médicos previstos tinham em conta o paciente médio. Hoje tem-se em conta também a especificidade genética do paciente.

Resumo de dois artigos in Observador

DEZ CUIDADOS A TOMAR

Rastreios
Não deixe de fazer os exames de vigilância, conforme a sua idade, sexo e antecedentes familiares. Fale com o seu médico. Ele saberá prescrever os necessários.

Tabaco
Se fuma, trate de procurar uma maneira de largar esse vício o quanto antes. É certamente uma das causas principais de cancro.

Álcool
Se consome bebidas alcoólicas com frequência, comece a pensar em regular esse hábito. Sozinho, já tem efeitos a favor da doença; quando conjugado com o tabaco ou a toma da pílula, aumenta ainda mais os malefícios.

Açúcar
Tente esquecê-lo. As células cancerígenas alimentam-se dele, o que aumenta a probabilidade de se desenvolverem.

Alimentação
Escolha alimentos o mais frescos e naturais possível, e evite aqueles que são muito processados, como bolos e refeições industrializadas.

Sol
Precisamos dele para viver, mas não entre as 11h30 e as 15h00, e muito menos em excesso. Prefira expor-se nos restantes horários, em que as radiações são menos agressivas e use sempre protetor solar.

Exercício
O sedentarismo é a causa de muitas doenças, e o cancro não foge à regra. Se não gosta de nenhum desporto, caminhe. Meia hora por dia pode ser a sua salvação.

Poluição
É para evitar ao máximo e merece o todo o esforço da sua parte.

Amamentação
Não desista de amamentar o seu bebé. Além de ser muito bom para a saúde durante toda a vida dele, é uma forma perfeita de evitar o cancro da mama — o mais mortal entre as mulheres.

Vacinas
Mantenha-as em dia e assim evitará infeções e bactérias que podem causar cancro.

rubrica

da saúde

CliHotel de Guimarães cria Posto de Colheita COVID-19 em Polvoreira

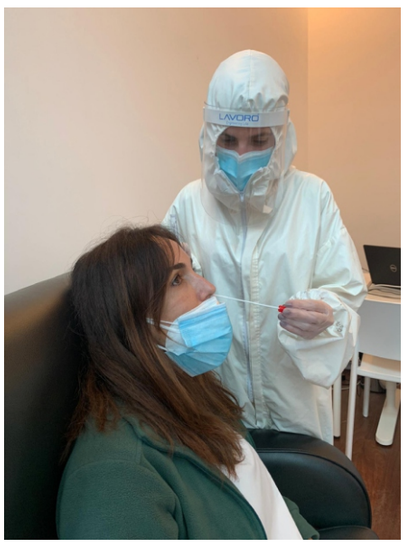
Acordo SNS (P1) e Seguradoras

O Clihotel de Guimarães (CHG) colocou em funcionamento um centro de testes à Covid-19, que também pode operar em regime de drive-through e que propor-ciona uma alternativa aos já muito congestionados locais de testagem vimaranenses.

O Posto de Colheita, que resulta de uma parceria com o Grupo Germano de Sousa – Centro de Medicina Laboratorial, funciona nas instalações do Clihotel de Guimarães (CHG), em Polvoreira.

Ao centro de testes ao Covid-19 têm acesso, não só as pessoas sinalizadas e encaminhadas através da Linha SNS24 (808 24 24 24), mas também todos os que pretenderem testar-se em regime privado, mas sempre com marcação prévia. Com referenci-ação do SNS 24, o teste não tem custos.

O acesso deve ser feito através da entrada que está devidamente sinalizada e os utilizadores não devem sair do veículo (uma vez que o teste é efetuado com as pessoas no seu interior)nem se deslocarem para fora da zona limitada ao centro de testes, por questões de segurança.



Se os utilizadores se deslocarem de forma pedonal, o teste será realizado nas instalações contíguas do Centro Neurológico de Guimarães (CNG).

O teste destina-se a identificar portadores do vírus COVID-19 (doentes ou assintomáticos) e a amostra para o teste de diagnóstico de COVID-19 por PCR é obtida por zaragatoa nasal e/ou oral.

Apesar de estar ainda em fase inicial, numa semana, o Posto de Colheita do CHG já realizou mais de 300 testes, cujos resultados são comunicados num período entre 24 e 72 horas.

Os resultados são enviados diretamente ao utilizador e às autoridades de saúde pública. O Posto de Colheita do CHG é um centro que visa testar cidadãos fora do meio hospitalar, em condições de conforto e segurança coletiva, bem como aliviar o afluxo de potenciais suspeitos portadores aos hospitais.

«Esta nova estrutura permite aos cidadãos, previamente referenciados pelo Serviço Nacional de Saúde ou privados com prévia marcação, deslocarem-se até ao ponto de recolha, sem entrar em contacto com outras pessoas, reduzindo o risco de infeção em cada colheita até para os profissionais envolvidos», explica Sara Silva, coordenadora dos serviços do Posto de Colheita do CHG.

A responsável alerta ainda que «só deverão deslocar-se ao local pessoas previamente referenciadas, já que a logística dos serviços não permitirá a execução de testes 'ad hoc'».

As marcações podem ser realizadas através dos seguintes contactos:

253 424 400 / 912 114 893.

rubrica

a nossa...

A nossa Escola em tempo de Pandemia

"Nas escolas tem vindo a aumentar a preocupação sobre as condições em que se irá desenvolver este ano letivo 2020-2021.

Continua a reforçar-se a necessidade de cuidados acrescidos, sobretudo na prevenção, ou seja, promovendo-se a realização de testes gratuitos à comunidade educativa de uma forma imediata e quando se evidencie essa necessidade pelos contactos estabelecidos e/ou sintomas apresentados.

Urge a necessidade de fortalecer o corpo docente e valo-rizar o trabalho incansável que tem realizado nas escolas para se conseguir dar resposta à necessidade de serem colocados alunos em confinamento profilático e manter as aulas para os restantes. O próprio Primeiro-Ministro, no sábado passado, enalteceu o trabalho da comunidade educativa na abertura do ano letivo, defendendo que "seria, no mínimo, uma grande falta de respeito" que a sociedade não se empenhasse para evitar um novo confinamento devido à pandemia.

No entanto, para se garantirem as condições necessárias às aulas presenciais, continua a ser extremamente importante a uniformização de estratégias adotadas em cada escola e que, nas salas de aula e recreios, seja garantido o distanciamento adequado a observar em espaços fechados e não apenas os centímetros possíveis que resultam das normas impostas pelo Ministério da Educação dado o número de alunos por turma e sala de aula.

A proposta de vários órgãos nacionais tem sido no sentido de que sejam constituídos pequenos grupos, com a divisão das turmas, não sendo permitida a constituição de grupos com alunos de diferentes turmas, quer em determinadas disciplinas, quer em atividades de ocupação de tempos livres.

Acresce a necessidade de contratação de mais assistentes operacionais, uma vez que são necessários para assegurar os níveis indispensáveis de limpeza, desinfeção e segurança e as equipas terão de ser reforçadas, tendo em conta todo o trabalho e desgaste individual que implica.

Uma ressalva, novamente, para a premente utilização dos equipamentos de proteção individual, a possibilidade de realização de testes de diagnóstico perante a existência de casos de infeção e a divulgação constante e atualizada dos mapas com as escolas onde existem casos ativos de Covid-19. E, no meio de todas estas necessidades, não poderemos esquecer que o trabalho da comunidade educativa continua a ser manter a possibilidade de se ser criança e se minimizarem as consequências desenvolvimentais e psicossociais dos tempos que vivemos.

Ou seja, continua a ser necessário que se garanta a liberdade das crianças e dos jovens num ambiente de atividade escolar normal, tendo em conta que começa a ser notória a desmotivação de muitos alunos perante as limitações ao seu espaço individual para brincar e crescer".

Lurdes Neves PHD Investigadora do Centro de Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

NESTE OUTONO...

ESCOLA

Tolentino Mendonça recebeu o Prémio Europeu Helena Vaz da Silva 2020

por Sara Freitas
Docente na Escola Secundária de Fafe

José Tolentino Mendonça**,** Cardeal, Escritor, Bibliotecário e Arquivista da Biblioteca e Arquivo Apostólicos da Santa Sé, foi agraciado com o Prémio Europeu Helena Vaz da Silva para a Divulgação do Património Cultural 2020 no passado dia 23 de outubro.

Este reconhecimento presta homenagem à contribuição excecional de Tolentino Mendonça para a divulgação da cultura e dos valores europeus

De facto, o madeirense de 55 anos, Tolentino Mendonça, poeta, teólogo, cardeal e professor é considerado uma das vozes mais sonantes da literatura portuguesa contemporânea e reconhecido como eminente intelectual católico.

A sua vasta obra inclui poesia, ensaios e peças de teatro e também colaboração como tradutor e organizador em muitos outros livros. Destacam-se as suas publicações e intervenções frequentes nos meios de comunicação social e os seus livros, cada vez mais traduzidos e publicados no estrangeiro, que têm sido distinguidos com vários prémios.

A 26 de junho de 2018, Tolentino Mendonça foi nomeado Bibliotecário e Arquivista da Biblioteca e Arquivo Apostólicos da Santa Sé pelo Papa Francisco. Após ter sido ordenado Cardeal, a 5 de outubro de 2019, voltou a integrar o Conselho Pontifício da Cultura, de que tinha sido Consultor até à sua nomeação como Arquivista e Bibliotecário da Santa Sé e foi, sem dúvida, esse cargo que mais o enriqueceu, uma vez que lhe permitiu ler, investigar, pesquisar e, sobretudo, escrever e onde estreitou laços com o Livro.

O discurso de agradecimento da atribuição do prémio **"O Louvor do Livro**" é uma verdadeira apologia ao livro, onde Tolentino expõe a rejeição que o livro em papel tem vindo sofrer, ao longo dos tempos, com a era digital. Tolentino afirma que:

" (…) *quem inventou o livro inventou o silêncio da leitura; inventou essa forma íntima de temporalidade que torna o encontro com o livro indissociável do encontro connosco próprios*(…)".

Só quem, realmente, tem o hábito de ler compreende esta intimidade. A frase, que prendeu a minha atenção, "*O património humano, cultural e espiritual que o livro representa é, por isso, incalculável (…)*", encerra todo o valor do livro: a preservação do nosso património, da nossa cultura e da nossa essência. Tolentino lamenta que as gerações futuras não possam usufruir a excepcional experiência que viveu como bibliotecário, já que as estantes das bibliotecas serão substituídas por écrans. Diz também que "*Os livros não nos tornam só leitores, tornam-nos também cidadãos.*", porque neles podemos aprender a ter um espírito crítico e a sermos cidadãos interventivos.

Tolentino termina o seu discurso em chave de ouro, reforçando o valor do livro como elo de ligação entre o passado e o futuro:

"Protejamos o património cultural que os livros representam. Eles são mapas para decifrar de onde viemos. Mas são também telescópios e sondas apontados ao futuro."

Como Tolentino é um excelente escritor, aliás, é conhecido por utilizar referências literárias nas suas reflexões religiosas, citou mesmo Fernando Pessoa nas meditações apresentadas ao Papa Francisco, que lhe agradeceu por conseguir estabelecer uma ponte entre os textos bíblicos e a literatura, deixo uma sugestão de leitura:

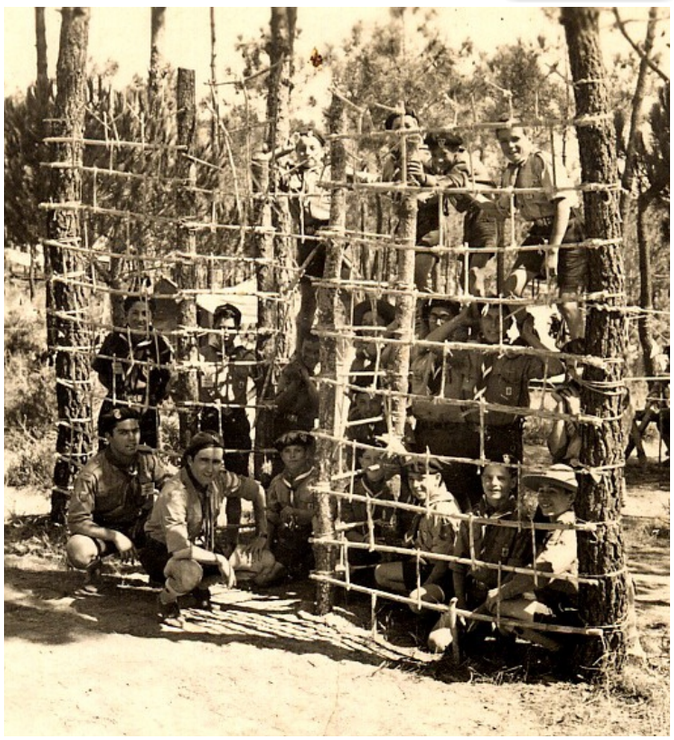
- O livro "Uma beleza que nos pertence" publicado em outubro de 2019, que aconselho vivamente, é uma obra envolvente, pela índole e força das palavras. Tolentino disserta sobre a presença de Deus, do amor, da solidão e da sua necessidade, dos cinco sentidos, da travessia do deserto, do tempo e da lentidão, mas também sobre a beleza que dá sentido às coisas, e que é nosso dever procurar todos os dias. Este livro transcreve alguns desses fragmentos, transformados em aforismos, ensinamentos para o dia a dia, perguntas que nos devem inquietar ou levar a escolher um caminho, bem como exemplos dessa procura permanente da beleza e da felicidade. Uma escrita que oscila entre o poético e o confessional, dirigindo-se diretamente a cada leitor, àquele que busca um caminho ou a luz perdida.

Nesta fase de pandemia, se estivermos deleitados na leitura, resistiremos à tentação de sair. Para Tolentino «a poesia é a arte de resistir ao seu tempo».

Sara Freitas

rubrica

da nossa janela...



A Patrulha Leão no Acampamento Nacional de 1960 - Estoril

Estávamos no ano de 1959, numa manhã domingueira de um dia do Senhor, de há pouco mais de sessenta anos. Reunidos, depois da missa dominical, na nossa sede, chegou o chefe Ascensão, com ar de incontida satisfação a informar-nos que se iria realizar o XI Acampamento Nacional do Corpo Nacional de Escutas, no início de Agosto, do ano seguinte. Era o primeiro que se realizava, depois da refundação do Agrupamento. E que, por isso, estava a pensar levar uma patrulha de exploradores para nele participar.

A tarefa a que se propunha era gigantesca. O acampamento teria lugar na Quinta da Marinha, no Estoril, em Lisboa. Era uma viagem longa, dispendiosa, aparentemente impossível. Só o bilhete de ida e volta, no comboio, custaria cerca de 200 escudos. Representava, para muitos, o ordenado do pai e da mãe de uma semana. Aos custos das viagens acresceriam, naturalmente, as despesas com as refeições, isto já para não falar da perda de salário para aqueles que já tinham o seu emprego.

Mas, como sempre, o chefe Ascensão, estava preparado para a enfrentar. Tinha um plano. Iria organizar uma monumental rifa pela freguesia. Aos fins-de-semana, nós, os exploradores, íamos de fábrica em fábrica, solicitando a doação de lençóis, cobertores, colchas ou atoalhados que iriam constituir os prémios da nossa rifa. Os industriais da nossa terra foram generosos connosco porque sabiam que estavam a apoiar uma boa causa e respeitavam quem nos dirigia. Conseguimos juntar uma diversidade significativa daqueles produtos têxteis. A Gráfica Covense imprimiu graciosamente as rifas e agora cabia a cada um de nós vendê-las junto dos nossos amigos e familiares. Fizemos um bom dinheiro. Não sei quanto, não sei se deu mesmo para pagar todas despesas, mas o certo é que, no dia marcado, lá estávamos nós, na estação de Covas, de mochilas às costas, à espera do apito do Chefe da estação, o Sr Brandão, para rumarmos a caminho da aventura.

Entretanto, tínhamo-nos preparado afanosamente para a competição. Sim, porque um acampamento nacional é convívio, é festa, mas é também competição. Começamos, meses antes da partida, a ensaiar jogos, a relembrar o código morse, a praticar a sinalização homógrafa com duas bandeiras. Recolhemos, em novelos, o cordão que conseguíamos arranjar e que iria servir para possibilitar a construção, sem a ajuda de qualquer prego, da mesa, em forma de flor de Lis - que o Chefe Ascenção desenhara - da cozinha que viria a ganhar um premio e do pórtico de entrada que foi publicado na revista Flor de Lis, a revista do CNE.

Eram apenas seis os elementos da patrulha Leão que naquela sexta feira, à tarde, tomam o comboio para Campanhã e, de seguida, o comboio correio para Santa Apolónia. Eu, o guia, o Nuno do Raso, o Guilherme de Trigais, o Tónio Velhote, o Fernando Fevereiro e o Pinto de Geba, mais tarde, conhecido como o doutor.

Chegados a St Apolónia tínhamos à nossa espera um carrinha para nos transportar à Quinta da Marinha, hoje, talvez, das zonas mais caras , em termos imobiliários do País. Percorrer a marginal que ligava a estação dos caminhos-de-ferro de Lisboa, ao Estoril, foi uma viagem de sonho para quem, como todos nós, nunca se afastara mais de dez quilómetros do seu distrito.

Entramos no acampamento para ocupar um espaço que previamente nos fora reservado. O chefe Domingos, que fazia parte da comitiva como chefe adjunto, organizou os trabalhos. Construímos a mesa projectada em forma de flor-de-lis e o pórtico de entrada para o nosso espaço. Mas, com os paus que sobraram, construímos um moderno fogão que fez com que ganhássemos o terceiro prémio para a melhor cozinha de todo o acampamento que englobava mais de cinquenta patrulhas.

O fogão era composto de duas grelhas, uma para cozinhar a sopa e a outra o presigo. Por sorte, encontramos uma lata de cinco litros que interligamos ao fogão de onde saía a água quente para lavar a loiça. Por trás do fogão, construímos, ainda, com paus, um louceiro onde deixávamos a loiça a escorrer . Por baixo do fogão, tínhamos prateleiras que utilizávamos como despensa.

Dentro do acampamento, havia uma cantina, onde nos fornecíamos de todos os géneros que precisávamos e que o chefe pagava. Nunca nos faltou nada naqueles tão saudosos dias! Dias em que competimos em jogos, onde sempre alcançamos um lugar no pódio: segundo ou terceiro. Dias em que nos rimos e fizemos rir em fogos de concelho ou festas de campo. Partilhamos mesmo, com um grupo de jovens da extinta mocidade portuguesa que nos visitou, um lauto jantar que me não sai da memória!

Ao recordar, decorridos sessenta anos, aqueles dias, eles mais me parecem um sonho, uma fantasia que o Chefe Ascensão, afinal, tornou realidade.

Muito obrigado, Chefe Ascensão. Muito OBRIGADO!

Bento A. F. e Silva

rubrica

cidadania

Sebastião de Sousa e Silva

Uma vida dedicada às actividades da Paróquia de Polvoreira

Durante dois meses, Sebastião e a esposa utilizaram os tempos livres do seu dia-a-dia e, para frequentarem um curso de formação onde adquiriram as competências necessárias, procurando serem úteis na sua nova função.

Passado mais algum tempo, de novo o Padre Isaac vem solicitar-lhe cooperação. Agora o pedido era para organizar grupos de leitores. Mais um tempo ocupado na procura da informação necessária ao bom desempenho da função. Para que a leitura se não tornasse monocórdica para quem a ouve, o que levaria, naturalmente, à perda de atenção, o Sebastião procurou, de entre os paroquianos disponíveis, gente para a formação de pequenos grupos que possibilitasse a rotatividade. Trabalho de paciência bem-sucedido.

Tarefa cumprida nova tarefa o espreita. Agora a paróquia necessitava de paroquianos disponíveis para cooperar na litúrgica visita pascal. Conhecedor, o Padre Isaac sabia que Sebastião e Silva não diria que não a qualquer pedido que lhe fosse feito para servir a Paróquia. E durante vinte anos, lá percorreu o Sebastião os caminhos acidentados da sua freguesia levando a cada lar a mensagem litúrgica da Ressurreição e recolhendo preciosos donativos para a Fábrica da Igreja.

Mas se tudo isto é muito e representa uma dedicação incondicional ao trabalho paroquial, em 1992, era-lhe entregue nova incumbência. Agora era-lhe pedido que participasse na constituição de uma Equipa de Nossa Senhora, um movimento composto por seis ou sete casais que realizava reuniões mensais no lar de cada um, acompanhadas de um conselheiro espiritual. Era conhecido como o Movimento Espiritual conjugal, um Movimento nascido, em França, criado pelo Pe. Caffarel que, na década de quarenta, cerca de 45, editara, uma revista notável, "***L'Anneau d'Or***", sobre a Espiritualidade Conjugal.

A sua força de vontade era tanta, a disponibilidade para servir a sua paróquia era tão absoluta, que muitas destas tarefas eram realizadas, em simultâneo, com natural prejuízo para o tempo necessário ao convívio com familiares e com outros amigos menos ligados à sua comunidade religiosa.

Em 2013, houve como é do conhecimento generalizado, uma mudança na Paróquia: o Pároco é substituído. Sai o Padre Isaac, entra o Padre Xavier. A mudança não foi pacífica para toda a comunidade paroquial pois, desde logo, surgiram diversos paroquianos a contestarem o modo como o novo pároco se lhes apresentara. Sebastião e Silva manteve a sua coerência religiosa: estaria ao serviço de quem o poder eclesiástico determinou dirigisse os destinos da sua paróquia.

Numa reunião havida com o novo Pároco, onde estavam presentes os diversos movimentos paroquiais, o Padre Francisco Xavier, o novo pároco, quis saber quem era o responsável pelos grupos de leitores.

Sebastião e Silva informou que não havia formalmente um responsável, que nunca alguém fora indicado como tal pelo Padre Isaac. No entanto, desde que os grupos haviam sido criados que ele se dedicava a formar a equipa que, em cada Domingo, ficava encarregada das leituras. Decidiu, então, o Padre Francisco Xavier

nomeá-lo, oficialmente, responsável pela organização dos grupos de leitores.

Em 2018, teve Sebastião e Silva de suspender parte da sua actividade na paróquia. Foi sujeito a uma operação cirúrgica complicada à vista esquerda. O Pároco, naturalmente, nomeou outro responsável pelos grupos. Quando regressou, o Padre Francisco Xavier abordou-o e deu-lhe conhecimento que havia, entretanto, nomeado um outro responsável, mas que ele, Sebastião, trabalharia a partir de agora em parceria com ele.

Como não era propriamente uma tarefa que necessitasse de dois responsáveis, e não querendo imiscuir-se no trabalho que vinha a ser feito, Sebastião, afastou-se discretamente.

Certo dia, em que lhe foi solicitado ser leitor e o texto lhe foi entregue cinco minutos antes de se ter de dirigir ao altar, sem tempo para praticar a sua dicção, como era prática recorrente enquanto era o responsável, tibuteou, engasgou-se e confirmou, depois, não ser aquela a leitura indicada no calendário litúrgico.

Recusou ser leitor nas mesmas circunstâncias, semanas depois. A partir daí jamais foi convidado.

Em Maio de 2012, a perfazer 60 anos de intensa actividade na paróquia, nos quais se incluíam 40 anos a servir o coro da freguesia, Sebastião Sousa e Silva é dispensado, dessa actividade, por seca mensagem de telemóvel!

Sem uma palavra de reconhecimento! Sem um bem-haja! Sem um obrigado!

Descartado como pano velho sem qualquer préstimo.

Sebastião de Sousa e Silva sentiu-se um farrapo humano!

Quando lhe pedimos a sua explicação para tão desumano procedimento, disse-nos:

- Francamente não sei. Será que existe outra Bíblia, outros Evangelhos, que desconheço, que mandam suspender assim os trabalhadores da vinha do Senhor?

"O Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965, produziu uma nova concepção sobre a natureza e a missão da Igreja, na qual se compreendeu o cristão leigo como membro efetivo da Igreja e não como um integrante menor ou inferior da comunidade cristã"

(LG capítulo 4)

rubrica

os nossos colaboradores

"Guerreiros e Mártires - A Cristandade e o Islão na Formação de Portugal"

Museu Nacional de Arte Antiga

No mês passado, no do Diário de Teresa Gil, escrevi sobre pequenos dados biográficos de Teresa de Leão, auto intitulada Rainha de Portugal, anos antes da batalha de S. Mamede se ter efetivado.

Na página deste mês, intervalo um pouco o relato de figuras históricas que, de algum modo, estão interligadas com a história da nossa freguesia e vou trazer a este palco literário uma outra figura que, no contexto do Diário de Teresa Martins, já ao de leve aqui abordei.

Felizmente que nas duas últimas duas ou três décadas tem havido em Portugal um renovar do conhecimento histórico do nosso passado medieval, trazendo para a luz do dia personagens marcantes na vida coletiva do seu tempo e que deixaram marcas profundas que ainda hoje podemos contemplar.

Trata-se de relembrar a figura de Pedro Sanches e a história dos Mártires de Marrocos a ele associados, cujos acontecimentos datam de há oitocentos anos, e que, por isso, mereceram atenção especial nos meios culturais portugueses. Basta constatar que o Museu Nacional de Arte Antiga organizou uma exposição, intitulada **"Guerreiros e Mártires — A Cristandade e o Islão na Formação de Portugal"** que abriu no dia 2º do mês em curso e é comissariada por Santiago Matias e Joaquim de Oliveira e que publicita aquela factualidade.

Pedro Sanches, ou Pedro de Portugal, nasce em Coimbra, em 23 de Fevereiro de 1187, filho de Sancho I e de Dulce de Aragão. Já não conhece sua tia Teresa Afonso, ou Teresa de Portugal, a filha de Afonso Henriques que partira para Flandres para casar com um cruzado que conhecera em Lisboa, quando por ali passou, comandando uma esquadra, a caminho de Jerusalém, conhecido como Filipe da Alsácia. O testamento de Sancho I, colocou o reino de Portugal, e não só, em polvorosa. A entrega, por testamento de 3 castelos, cuja defesa era importante para a segurança do reino, à jurisdição das filhas intituladas rainhas, punha em causa a sua própria independência. Acrescia ainda que, juntamente com os castelos, foi entregue às Rainhas uma parte importante do tesouro real que passou directamente para as ordens religiosas, onde as irmãs do novel rei, Afonso II, haviam ingressado.

Pedro Sanches abraçou a causa das irmãs. Foi para Leão, o Reino da sua irmã Teresa, porque casada com o rei, Afonso IX, neto de Afonso Henriques, onde foi Alferes Mor. Acaba por partir para Marrocos onde serve como mercenário o Miramolim, Yusuf al-Mustansir, numa revolta interna que enfrentava. E é aqui que ocorre o célebre episódio dos Mártires de Marrocos que atravessou, durante séculos, a religiosidade de muitos portugueses e cujos oitocentos anos se celebram agora.

A história inicia-se em Assis, na península itálica, onde nascia a Ordem Franciscana, que sob a inspiração de Francisco se dedicou aos pobres, cujos membros vivam como simples pregadores mendicantes, contrariando a prática das Ordens, então, vigentes que viviam da guerra e do poder. Seis frades menores dessa ordem encetaram uma viagem em Assis, em direção a Hispânia, para converter os muçulmanos do sul e mesmo aqueles do lado de lá do estreito de Gibraltar procurando a glória do martírio ao serviço da pregação da palavra de Deus. Dos seis, chega-

ram a Coimbra cinco e foram recebidos pala Rainha D. Urraca, a esposa de D. Afonso II. Conta-se que a rainha lhes perguntou, estando eles tão perto de Deus, quem morreria primeiro: se ela, se o rei. O frade, que chefiava os demais, chamado Bernardo, disse-lhe que morreria primeiro quem primeiro visse os seus corpos degolados, prevendo, desde logo, o fim da sua missão.

Pedro Sanches, antes de partir para Marrocos para militarmente ajudar o Miramolim, aproveitou e levou os frades consigo, determinados que estavam, diziam, *"a converter à fé de Jesus Cristo, o miramolim que, sendo cabeça do império africano, convertido ele, seria causa de todo o reino se converter pelo seu exemplo".*

Em Marrocos, os frades foram presos e soltos várias vezes, mas jamais desistiam da sua pregação na tentativa de converterem o Miramolim, Yusuf al-Mustansir, ao catolicismo. E conta-se mesmo qua aí realizaram um milagre. Numa tarde, no regresso vitorioso de um combate encontraram-se no deserto sem gota de água e morreriam à sede se os frades não tivessem feito brotar das areias escaldantes a água bendita para lhes apagar a sede. Saciados e cheios os odres, a fonte secou.

Insistindo na pregação nas mesquitas, acabaram presos, açoitados, arrastados por cavalos, queimados com azeite a ferver. O Miramolim bem tentava dissuadi-los de pregarem contra o Islão, chegando mesmo a oferecer-lhe mulheres, mas os frades, sempre que eram soltos, voltavam a diabolizar as práticas muçulmanas, ameaçando-os com o mafarrico e com as labaredas do inferno.

Cansado, o Mirabolim mandou-os decapitar, em 16 de Janeiro de 1220.O Infante D. Pedro, que assistiu impotente a este martírio, ainda conseguiu subornar os guardas muçulmanos e resgatar os corpos dos mártires que trouxe para Portugal, no Outono daquele ano. Depois de ver os corpos, a rainha D. Urraca morreu. Em Novembro, de 1220. Cumpria-se a profecia.

Conta a lenda que carregadas por uma mula, que, ao passar pelo Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, não mais dali saiu, as relíquias foram depositadas nesse local de oração, tão simbólico que lá estão enterrados os dois primeiros reis de Portugal: D. Afonso Henriques e D. Sancho I

A Romaria dos Santos Mártires

Hoje em dia, em Portugal, a Romaria dos Santos Mártires de Marrocos constitui um valioso património histórico-religioso, de há séculos, da freguesia de Travassô, no concelho de Águeda, agora União de Freguesias de Travassô e Óis da Ribeira.

Este ano, o executivo daquela Junta, em cuja sede está instalada a Irmandade dos Santos Mártires de Marrocos, promoveu a celebração dos 800 anos da chegada dos corpos degolados dos Santos, a Portugal

No dia 16 de Janeiro, deste ano, teve lugar, na Igreja Matriz, a Eucaristia, seguida de procissão e da inauguração de um monumento alusivo aos 800 anos do martírio dos primeiros frades enviados em missão a Marrocos, por São Francisco de Assis.

No dia 17, na Sede da *Orquestra Filarmónica 12 de Abril*, teve lugar uma conferência denominada "800 anos dos Mártires de Marrocos", com a presença do Padre Vítor Melícias. E no dia 18, à Eucaristia, seguiu-se a "Procissão do Nus" sobre a qual assenta a transição da romaria de Coimbra para Travassô.

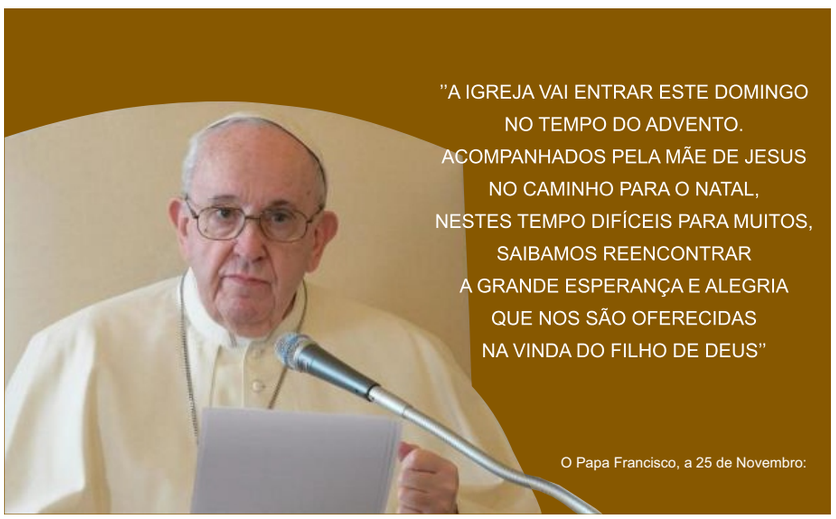
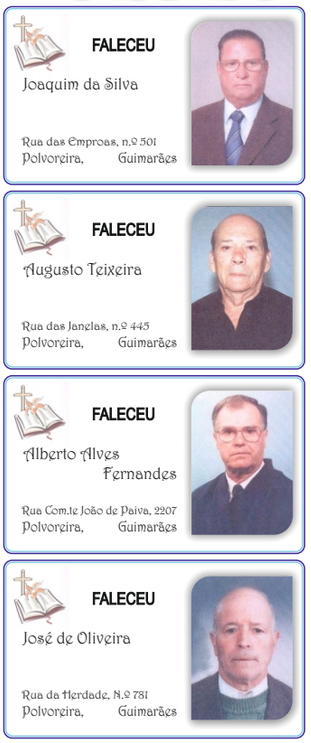
Com efeito as primeiras romarias dos Santos Mártires foram realizadas em Coimbra, cidade onde os frades franciscanos estiveram antes de se dirigirem a Marrocos para cristianizar o Mirabolim e também o lugar onde estão sepultados os seus restos mortais e pode ser visto, no Museu Nacional de Machado de Castro, a arca-relicário daqueles santos mártires.

Todavia, pouco a pouco, estas romarias coimbrãs foram sendo ostracizadas dado exibirem costumes ou práticas pagãs, sendo uma delas a "Procissão dos Nus".

Esta procissão tem origem numa lenda nascida no tempo da peste negra que varreu a população euroasiática, matando mais de 100 milhões de pessoas, em meados do século XIV. A lenda conta que cinco rapazes se livram da peste mortal graças ao facto de terem visitado, despidos de roupa, as relíquias dos Santos Mártires em Coimbra.

Essa primeira caminhada parece ter partido de Travassô, historicamente ligada à Sé de Coimbra e passaram a acontecer ano após ano a ponto de se tornar icónica para a freguesia de Travassô. Todos os anos, antes a 16 de janeiro, agora, por razões obviamente comerciais, alterado para o fim-de-semana mais próximo desta data, gente em tronco nu em pleno inverno ou com roupa arregaçada pelo joelho visita em agradecimento e penitência as relíquias dos santos.

Na procissão religiosa que pela mesma altura se realiza entre a Capela de Nossa Senhora do Amparo e a Igreja Matriz, seguem andores de variadas personalidades bem-aventuradas do Catolicismo: os próprios mártires, São Francisco de Assis e mesmo Santo António de Lisboa que se fez frade franciscano pouco depois da chegada dos restos mortais a Portugal daqueles mártires inspirado pelo seu exemplo de dedicação à causa de Cristo.



JANELA DA SAUDADE